



HAL
open science

Job, o justo infortunio e a interpretação do sofrimento pelos amigos. Discursos de Elifaz

Michel Mutaia Kanianga

► **To cite this version:**

Michel Mutaia Kanianga. Job, o justo infortunio e a interpretação do sofrimento pelos amigos. Discursos de Elifaz. *Forma Breve*, 2024, 20, pp.225-235. <10.34624/fb.v0i20.38397>. <hal-04863637>

HAL Id: hal-04863637

<https://hal.science/hal-04863637v1>

Submitted on 4 Jan 2025

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire HAL, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.



Distributed under a Creative Commons CC BY-ND 4.0 - Attribution - No Derivative Works - International License

Job, o justo infortúnio e a interpretação do sofrimento pelos amigos. Discursos de Elifaz

Job, fair misfortune, and the interpretation of suffering by friends. Eliphaz's speeches

Michel Mutaia Kanianga

Centro de Línguas, Literaturas e Culturas
Universidade de Aveiro
michelkanianga@ua.pt
ORCID: 0000-0001-8015-6205

Palavras-chave: Job; justo infortúnio; sofrimento; Elifaz.
Keywords: Job; fair misfortune; suffering; Eliphaz.

Job, o justo infortúnio e a interpretação do sofrimento pelos seus amigos. Discursos de Elifaz de Temã

Havia um homem na terra de Uz, cujo nome era Jó; e era este homem íntegro, reto e temente a Deus e desviava-se do mal. E nasceram-lhe sete filhos e três filhas. E o seu gado era de sete mil ovelhas, três mil camelos, quinhentas juntas de bois e quinhentas jumentas; eram também muitíssimos os servos a seu serviço, de maneira que este homem era maior do que todos os do oriente. (Jó 1:1-3).

Assim começa a narração do livro de Job, num estilo comum das literaturas tradicionais, nomeadamente nos contos, que não encontramos igual no início de outros livros que compõem o Antigo Testamento, exceto no primeiro livro de Samuel, capítulo 1. Nesse livro, é feito o relato de uma situação real, a da constituição da família de Elcana e as circunstâncias do nascimento de Samuel, que se tornou Juiz e um dos maiores profetas em Israel, nos últimos anos da era de Juízes, nos anos em que Saul tornou-se o primeiro rei de Israel, tendo instituído David como o sucessor de Saul, antes da sua morte, em Rama (1 Samuel 8:11-18; 1 Samuel 19:18-24). No Novo Testamento, encontramos esse estilo no início de algumas parábolas de Jesus, nomeadamente, na parábola do Mordomo Fiel (Lucas 16:1-3), na parábola do Juiz Iníquo (Lucas 18:1-3), na parábola do Filho Pródigo (Lucas 15:11-13), na parábola do Rico e Lázaro (Lucas 16:19-20), entre outras.

O narrador apresenta o personagem de Job, as suas qualidades: “homem íntegro, reto e temente a Deus e desviava-se do mal”, a sua família: “sete filhos e três filhas”, as suas riquezas: “sete mil ovelhas, três mil camelos, quinhentas juntas de bois e quinhentas jumentas, muitos servos”, e a sua grandeza: “era maior do que todos os do oriente”.

Logo a seguir, o narrador, sem perder muito tempo, apresenta-nos Job, com todas as qualidades de um bom chefe de família, que se preocupa com o bem-estar de toda a família, principalmente com a santidade dos filhos, cuja prática era se levantar de madrugada e oferecer “sacrifícios em favor de cada um dos seus filhos para purificá-los” (Jó1:5). A justiça de Job era tão “justa” que fazia sacrifícios para o pecado que os filhos teriam cometido em pensamento. A descrição da vida de Job antes de cair em desgraça era necessária para que não houvesse equívoco no que concerne a integridade de Job em relação a Deus.

Quanto ao espaço, a história passa-se “na terra de “Uz” (Jó 1:1), que segundo o dicionário bíblico (Bíblia Hável) significa “firmeza”, região “situada no deserto sírio, entre as latitudes de Damasco e Edom”, cujos outros registos na Bíblia são mencionados pelo profeta Jeremias:

E a toda a mistura de povo, e a todos os reis da terra de Uz, e a todos os reis da terra dos filisteus, e a Ascalom, e a Gaza, e a Ecom, e ao remanescente de Asdode (Jeremias 25:20); e Regozija-te e alegra-te, ó filha de Edom, que habitas na terra de Uz; o cálice passará também para ti; embebedar-te-ás, e te descobrirás. (Lamentações 4:21)

A presença desse registo do espaço real leva algumas correntes teológicas a crer que Job existiu na realidade, que viveu antes de Moisés, baseando-se no seguinte raciocínio: considerando que aos nossos dias a média de intervalo que separa um filho do outro é de mais ou menos dois anos, e que as irmãs eram sempre convidadas “para esses comes-e-bebes”, o que demonstra estarem em idades adequadas para se divertirem com a autorização dos pais, então, pressupõe que Job teria 60 anos antes de ser provado por Deus, e mais de 160 depois da provação. Conforme relatado no livro, Job terá morrido com mais ou menos 200 anos, como se pode ler nas declarações de Alfred Kuen (2015):

Job était certainement un homme qui a réellement existé puisqu'Ezéchiel (14:14,20) et Jacques (6:11) y font allusion non comme à une fiction littéraire, mais comme à un personnage historique. Il a sans doute vécu à l'époque des patriarches dont il partage la longévité, le mode de vie et le rôle sacerdotal. Sa richesse est évaluée en troupeaux et il a connu les mêmes dangers qu'eux, les razzias des bandes de Sabéens et de Chaldéens, peuplades restées nomades jusque vers l'an 1000 av. J.-C. (p.51)

Seja como for, Job, enquanto personagem literário, viveu durante muitos anos como “o homem mais rico de todo o Oriente”, e gozava de boa vida em comparação com os seus conterrâneos, antes de cair em infortúnio, o que mesmo Satanás reconhece quando declara: “abençoas tudo o que Jó faz, e no país é o homem que tem mais cabeça de gado”.

Porventura tu não cercaste de sebe, a ele, e a sua casa, e a tudo quanto tem? A obra de suas mãos abençoaste e o seu gado se tem aumentado na terra. Porventura tu não cercaste de sebe, a ele, e a sua casa, e a tudo quanto tem? A obra de suas mãos abençoaste e o seu gado se tem aumentado na terra. (Jó 1:10-11)

Segundo Kuen (2015), “existem muitos relatos de reflexões deste tipo no antigo Médio Oriente”, mas que o livro de Job é único no seu género literário, na sua composição, na sua poesia, e na sua profundidade.

Ao declarar que “Job é uma mistura de história, epopeia, poema, teatro”, Kuen deixa-nos confusos, pois essas características só se podem encontrar numa obra literária. A descrição dada por Kuen confere ao texto a característica de um género literário livre, cujo poema “canta a beleza da criação”, por um lado, e, por outro lado, “evoca as profundezas do sofrimento”.

O objetivo desta reflexão não é de provar ou não a existência material de Job, nem tão-pouco alimentar a discussão sobre esse assunto, mas de analisar os discursos de Elifaz de Temã, um dos amigos de Job, a primeira pessoa a quem o narrador deu a palavra para consolá-lo, depois deste ter sido entregue a Satanás, por ordem de Deus, para ser provado, e, obviamente, ressaltar os discursos de Job como direito de resposta a Elifaz de Temã.

O que as palavras de Elifaz de Temã inspiram em relação ao sofrimento de Job? A que conclusões sobre o sofrimento de Job chegou Elifaz de Temã? O que nos inspira o personagem de Elifaz de Temã para os dias de hoje? São questões às quais nos dispusemos a responder ao longo da nossa reflexão.

Elifaz de Temã, ou Elifaz, o temanita, faz parte dos três amigos de Job que,

ouvindo de Job todo este mal que tinha vindo sobre ele, vieram cada um do seu lugar: Elifaz, o temanita, Bildade, o suíta, e Zofar, e Naamatita; e combinaram condoer-se dele, para o consolarem. (Jó 2:11)

Neste artigo, limitar-nos-emos ao personagem de Elifaz de Temã e à sua intervenção em relação à situação em que Job se encontrava, tendo em conta as respostas de Job ao mesmo.

Para além do livro de Job, a Bíblia regista o nome de Elifaz no livro de Génesis 36, como nome dado ao primeiro filho de Esaú, filho de Isaque, que teve com Ada, a sua primeira mulher. E Temã foi o primeiro filho de Elifaz.

Estes são os nomes dos filhos de Esaú: Elifaz, filho de Ada, mulher de Esaú; Reuel, filho de Basemate, mulher de Esaú. E os filhos de Elifaz foram: Temã, Omar, Zefô, Gaetã e Quenaz. E estes foram os filhos de Reuel: Naate, Zerá, Samá e Mizá; estes foram os filhos de Basemate, mulher de Esaú. E Timna era concubina de Elifaz, filho de Esaú, e teve de Elifaz a Amaleque. Estes são os filhos de Ada, mulher de Esaú. E estes foram os filhos de Aolibama, mulher de Esaú, filha de Aná, filho de Zibeão; ela teve de Esaú: Jeús, Jalão e Coré. Estes são os príncipes dos filhos de Esaú: os filhos de Elifaz, o primogénito de Esaú, o príncipe Temã, o príncipe Omar, o príncipe Zefô, o príncipe Quenaz. O príncipe Coré, o príncipe Gaetã, o príncipe Amaleque; estes são os príncipes de Elifaz na terra de Edom; estes são os filhos de Ada. (Génesis 36:10-16)

Elifaz é o nome de origem aramaico, que significa “Deus é despenseiro, Deus é ouro fino”, segundo o Dicionário Bíblico Hábil. Elifaz de Temã é, segundo o mesmo dicionário, a cidade que leva o nome do seu príncipe, o primogênito de Elifaz, chamada também por “cidade de Edom” (Jeremias 49:7), conhecida pela sabedoria do seu povo; “país dos descendentes de Esaú (Números 20:18-21), que ficava ao sul do mar Morto”. Outro registo é encontrado no livro do profeta Obadias (1:1;6,8-9) numa mensagem que Deus deu a respeito de Edom, quando afirma que “Os soldados de Temã tremerão de medo; todos os guerreiros de Edom serão mortos”.

Creemos que a precisão do nome de Elifaz, o temanita, mostra como os nomes foram conservados, passando de geração em geração. A visita de Elifaz ao seu amigo Job, em companhia de dois outros amigos, oriundos de diferentes regiões, é uma prova mais que suficiente da fama que Job tinha em toda região do oriente.

A iniciativa de Elifaz de Temã e dos seus amigos era primeiro testemunhar o estado em que Job se encontrava em relação ao que ouviram falar na região, e trazer consolo ao amigo em situação de sofrimento. O que acabaria por acontecer nos primeiros dias quando “começaram a chorar e a gritar, rasgando as suas roupas, atirando pó para o ar e sobre a cabeça em sinal de tristeza”; sentimento que durou sete dias e sete noites, período durante o qual não proferiram nenhuma palavra (Jó 2:12-13), limitando-se a ouvir Job falar sobre o seu sofrimento, amaldiçoando o dia do seu nascimento, e queixar-se da “falta de paz, descanso, sossego” e da agitação que, de agora em diante, faria parte da sua vida. Mas essa atitude não passou para lá dos sete dias. Seria bom para Job que se contentasse em ficar calado na companhia dos amigos. Pelo menos é a impressão que temos quando lemos as reações dos amigos, nomeadamente nos discursos de Elifaz de Temã, que estavam longe de trazer consolo a Job.

Para a nossa abordagem, estruturamos as três ocasiões em que Elifaz de Temã tomou a palavra para falar sobre a situação de Job. Primeiro, Elifaz chama a atenção de Job no sentido de lhe mostrar que não é sempre fácil fazer o que Job tem exigido dos outros. A primeira vez que Elifaz toma a palavra, ao invés de consolar Job, começa por lhe lembrar da sua capacidade de fortificar pessoas desanimadas, coisa que não consegue fazer para si próprio.

Então Elifaz, da região de Temã, em resposta disse: Jó, será que você ficará ofendido se eu falar? Mas quem é que pode ficar calado? Você ensinou muita gente e deu forças a muitas pessoas desanimadas. Quando alguém tropeçava, cansado e fraco, as suas palavras o animavam a ficar de pé. Mas agora que chegou a sua vez de sofrer, como é que você perde a paciência e a coragem? O seu temor a Deus não lhe dá confiança? A sua vida correta não o enche de esperança? (Jó 4:1-6)

Essas palavras que deveriam trazer consolo não tiveram muito impacto na vida de Job, em relação ao momento que ele atravessava, porque, logo a seguir, no mesmo capítulo, Elifaz passou a reprovar o seu amigo, lembrando-lhe que nunca um “inocente” pode sofrer, nem os “sinceros” destruídos. Essa reação foi sustentada por Bildade, o suíta, e Zofar, o naamatita, outros amigos de Job, porque, para eles, o sofrimento provém necessariamente do pecado, e, aos seus olhos, “Job que aguentar”, pois o tamanho de sofrimento de que era vítima é proporcio-

nal ao tamanho de pecado cometido, ou que os grandes sofrimentos devem ser retribuídos a um tão grande pecador. Para sustentar a sua posição, Elifaz insiste sobre a experiência humana, referindo-se particularmente a uma misteriosa visita que teria tido numa certa noite.

Nos comentários bíblicos ao livro de Job, Cyrus Ingerson Scofield (1996) avança que os três amigos de Job tinham “os seus conceitos erróneos de Deus”, quando confirmaram que “Job é um homem hipócrita”, senão as suas provas seriam injustas. O verdadeiro problema continua a ser o mesmo: porque o justo é submetido ao sofrimento? A esta pergunta, nem Job nem os três amigos que o acusavam de pecado encontraram resposta.

O comentário da Bíblia de Jerusalém (1981) avança que a doutrina segundo a qual “é Deus quem compensa os bons e pune os maus” é encontrada na literatura do movimento da sabedoria, na qual “o livro de Job é a obra-prima”.

Essa doutrina é o fundamento do ensino de sabedoria e conclui-se do governo do mundo pelo Deus sábio e justo. Ela pretende chamar pela experiência, mas a experiência o contradiz sempre. É o que defende o livro de Job onde os três amigos defendem a tese tradicional. (Bíblia de Jerusalém 1981, p. 649)

O segundo momento de tomada de palavra de Elifaz de Temã dá-se depois de ouvir longos discursos dos outros dois amigos e a resposta de Job a cada um deles, sustentando a sua inocência, mas todos confrontando Job à Justiça divina. Job pode enganar a todos os homens, mas não a Deus, se ele sofre é porque pecou.

Então respondeu Elifaz, o temanita, e disse: Porventura proferirá o sábio vã sabedoria? E encherá do vento oriental o seu ventre, arguindo com palavras que de nada servem, e com razões de que nada aproveita? E tu tens feito vão o temor, e diminuis os rogos diante de Deus. Porque a tua boca declara a tua iniquidade; e tu escolhes a língua dos astutos. A tua boca te condena, e não eu, e os teus lábios testificam contra ti. [...] Que é o homem, para que seja puro? E o que nasce da mulher, para ser justo? Eis que ele não confia nos seus santos, e nem os céus são puros aos seus olhos. Quanto mais abominável e corrupto é o homem que bebe a iniquidade como a água? Não confie, pois, na vaidade, enganando-se a si mesmo, porque a vaidade será a sua recompensa. (Jó 15:1-6, 14-16, 31)

Se dependesse de Job, segundo Elifaz, ninguém confiaria mais em Deus, porque quer passar a ideia de que Deus pode punir os justos, o que contraria a doutrina veiculada até àquele tempo. Elifaz duvida que Job seja sábio, pois nenhum homem pode ser justo diante de Deus, e acusa Job de ser vaidoso.

Num artigo intitulado *Job, Voltaire et Kant ou deux perspectives sur la souffrance et le mal*, Rodrigo Brandão (2017) apresenta dois aspetos do mal: um físico e outro moral.

La réponse chrétienne au problème du mal peut se décliner selon deux aspects principaux : d'une part, le mal est considéré comme une privation et, d'autre part, tout mal physique (*soffrance*) tient son origine du mal moral (*péché*). [...] Le mal, contrairement à ce que pensent les Manichéens, n'est pas une substance. S'il fait

partie du monde, il n'est pas à proprement parler. Le mal est une déviation de la volonté, mais il n'est ni l'acte lui-même, ni la volonté elle-même. (p.152)

Segundo Brandão (2017), não basta ter vontade, porque, embora a vontade seja boa, não é atingido o seu objetivo “todas as vezes que prefere um bem temporal ao invés do bem eterno”, afirmando que “o mal é exatamente o disparo falhado, o disparo desviado da vontade”. Na visão de Brandão, para os cristãos confrontados com uma ontologia do mal e uma ética do sofrimento, “todo o sofrimento é consequência de um ato mau que alguém cometeu: todo o mal físico (sofrimento) é o castigo merecido de um ato mau (pecado)”. Essa perspectiva está longe de ser só dos judeus e cristãos, outras religiões também consideram que nenhum sofrimento é produto de acaso.

Elifaz de Temã corrobora com a primeira ideia que se elabora quando alguém cai em desgraça. “É preciso ver bem”, diz-se, porque, obviamente, “o primeiro lugar onde procuramos uma possível causa do mal é o pecado do indivíduo que sofre”, afirma Mathilde Cambron-Goulet (2009), que dá como a vantagem dessa interpretação o facto de permitir “conciliar a existência de um Deus justo, bom e onipotente com a existência do sofrimento, que é então concebido como um castigo divino ligado ao pecado individual”. Mas, que “tal interpretação do mal não pode de forma alguma se aplicar a Job” (p.104).

Nenhum homem se pode declarar puro, ou ainda justo, pelo facto de nascer da mulher, porque, para Deus, segundo Elifaz, “nem os céus são puros aos olhos de Deus”; e, assim, como é que Job se pode declarar inocente diante de Deus. Para os homens o pecado de uma pessoa é descoberto através do castigo que este recebe, ou seja, enquanto não há sinal exterior, sofrimento visível, é difícil saber se alguém tinha ou não pecado, e os personagens da prosa só podiam ter o posicionamento que tiveram, porque não lhes foi revelada a conversa de Deus com Satanás a propósito de Job. Aliás, o posicionamento de cada um mostra o quão difícil é ver o pecado em alguém que prospera, ideia sustentada por Cambron-Goulet (2009) quando diz:

Le péché de Job (en supposant qu'il en eût commis un) ne porte pas en lui-même son châtiement; mais plutôt, sa souffrance fait partie de l'ordre du monde. Il s'agirait ici plutôt d'une « souffrance immanente » que d'une « justice immanente ». D'ailleurs, une telle hypothèse du péché portant en lui-même son châtiement – en-dehors des péchés que l'on commet contre son corps, c'est-à-dire la gourmandise et la luxure – paraît plutôt invraisemblable aux yeux de Thomas, qui suit en cela le discours de Bildad. (p.11)

Na leitura de Jean Chrysostome, considerado um dos pais da Igreja, sobre a tese da retribuição individual do pecado, Cambron-Goulet (2009) revela que Jean Chrysostome não concorda com os discursos dos amigos de Job que pensam que Job tenha pecado. Vai mesmo mais longe, avançando com a hipótese desses discursos terem sido inspirados pelo diabo, e, ao mesmo tempo, recusa também que “qualquer hermenêutica de retribuição possa ser aplicada ao sofrimento de Job”. Já na perspectiva de Tomás de Aquino, explica Cambron-Goulet, “o texto religioso é categórico quanto à retidão de Job. [...] A virtude de Job é, portanto,

completa, e a tese da retribuição individual cai por terra” (p.106). Apesar de tudo, Job continua a protestar a sua inocência, Elifaz de Temã e os outros amigos de Job endureçam as suas posições: o homem recebe cá na terra a recompensa ou o castigo das suas ações.

Segundo Scofield (1996), “Elifaz, Bildade e Zofar são, de igual modo, pecadores diante de Deus, no entanto, não sofrem”. Assim Job afirma, depois de ouvir os amigos, não achar sábio nenhum entre eles, e recusa as suas teorias que o acusam de ter discretamente pecado contra as leis da moralidade. No meio de tanto sofrimento, Job continua a acreditar na justiça divina, e recusa acusações que lhe são dirigidas pelos amigos, pois “reconhece ser culpado, desamparado e sem recursos e, para ele, nenhum árbitro (mediador) resolverá a sua causa”. Ainda assim, Job deposita uma confiança total em Deus, seu “defensor”, e tem esperança de O ver antes de morrer.

Porque eu sei que o meu Redentor vive, e que por fim se levantará sobre a terra. E, depois de consumida a minha pele, contudo, ainda em minha carne verei a Deus, Vê-lo-ei, por mim mesmo, e os meus olhos, e não outros, o contemplarão; e por isso os meus rins se consomem no meu interior. (Jó 19:25-27)

Job continua a solicitar a atenção dos amigos que pensam mal dele, e lembra-os que as suas consolações são vazias, tudo o que dizem não passa de uma mentira.

Na terceira e última tomada de palavra, Elifaz de Temã passa ao ataque direto a Job, reprovando novamente a posição do seu amigo quanto à sua inocência. Se Deus castiga Job e o chama para prestar contas, insiste Elifaz, não é porque Job O adora com todo o respeito, mas sim porque cometeu muitos pecados, e as suas maldades não têm conta. Levanta uma lista das coisas que constitui pecado de que tem certeza absoluta que Job terá feito para merecer esse castigo:

Porventura não é grande a tua malícia, e sem termo as tuas iniquidades? Por isso é que estás cercado de laços, e te perturba um pavor repentino, As viúvas despediste vazias, e os braços dos órfãos foram quebrados. Mas para o poderoso era a terra, e o homem tido em respeito habitava nela. Não deste ao cansado água a beber, e ao faminto retiveste o pão. Porque sem causa penhoraste a teus irmãos, e aos nus despojaste as vestes. (Jó 22:5-10)

Elifaz de Temã tendo feito tudo o que podia para convencer Job, mostra-se desesperado com a sua “teimosia”. É direto com Job para que ele reconheça e confesse o seu pecado, e solte a sua língua. Além disso, relembra-o de alguns pecados que teria cometido, mas que se esqueceu de reconhecer. A única saída que lhe é oferecida por Elifaz de Temã, pelos inúmeros pecados cometidos, é parar de se justificar, reconhecer o seu estado de pecador e voltar para Deus. Porque Deus sabe todas as coisas, abaixa os orgulhosos e salva os humildes.

A insistência dos amigos de Job encontra enquadramento nos livros de sabedoria, mas também noutros livros bíblicos (Deuteronómio 27-28; 2Samuel 12:10-15). O profeta Ezequiel, no capítulo 18 versículos 2 e 23, confirma-o quando declara que “a alma que pecar essa morrerá”, ao mesmo tempo, dando Deus oportunidade ao pecador de se arrepender e viver: “Desejaria eu, de qualquer maneira, a

morte do ímpio? diz o Senhor DEUS; Não desejo antes que se converta dos seus caminhos, e viva?”. Se os amigos de Job insistem em ver Job reconhecer o seu estado de pecado é para a sua salvação. Mas Job continua a declarar-se inocente, e a sua resposta a Elifaz mostra o estado de homem que sofre sem justa causa.

As discussões entre Job e os seus amigos estão longe de trazer um elemento novo sobre o sofrimento e o castigo divino. Convencido de não ter cometido nenhum pecado, não precisa de se justificar perante os homens. E acredita que, se tiver oportunidade de falar com Deus, Ele o entenderá. E sabe que está a ser provado por Deus, e que sairá ileso desta prova, puro como ouro. Continua a confiar em Deus e a contar com a sua soberania. O que Deus decidiu para ele ninguém poderá mudar. E Elifaz de Temã conclui que, se Job for inocente, e se for correto em tudo o que fizer, Deus o salvará. Se os três amigos cessaram de responder, não foi porque foram convencidos da inocência de Job, mas por constatarem que não adiantava de nada, pois Job “era justo aos próprios olhos”.

Em resposta aos três amigos, Job continua a clamar por inocência, pois Deus conhece os seus caminhos, e conta todos os seus passos, de forma que, se andasse por maus caminhos, Deus o castigaria. Job lamenta-se de não ter pelo menos uma pessoa que o ouça, e, desesperadamente, deseja que o Todo-Poderoso lhe respondesse na sua justiça.

Para acabar com as discussões, Deus intervém, e não está contente com o que ouviu da parte dos amigos de Job, quando insistem que o infortúnio de Job é porque Job pecou, e menos ainda com o próprio Job, quando considera Deus como um adversário, e procura em vão o juiz para julgar ele e Deus. Apesar disso, a atitude de Job é compreensível, como explica Egber Brink (2007) quando disse que “sempre que Deus parece ser um inimigo e não um amigo, a expressão de queixa significa que a fé quer agarrar-se a Deus”, pois Job mostrava uma dependência de Deus até ao fim do período do seu infortúnio.

Antes de todas as coisas, Deus recorda a Job a sua grandeza e sabedoria. Muitas perguntas sobre a grandeza de Deus reveladas na criação são colocadas. Fique aqui claro que Deus não esperava nenhuma resposta a essas perguntas, que são uma forma de dizer que faz tudo o que Ele quer, quando e como Ele quer, porque é dono de tudo e todos. Job sabiamente compreendeu que as perguntas de Deus não eram para responder, e disse que não valho nada; que podia responder? Prefere ficar calado. Pois já tinha falado mais do que devia e que agora não tenha nada para dizer. Deus é quem humilha os orgulhosos e os perversos, e criou todos os seres vivos, os quais nenhum humano pode domar; exemplos do Monstro Beemote e do Leviatã, rei das feras. Job reconhece que nada é impossível para Deus e nenhum dos planos de Deus pode ser impedido, sente-se envergonhado e arrepende-se, não do pecado cometido que poderia ocasionar o infortúnio, mas de tudo o que, no seu infortúnio, tivera dito. Ao fim do infortúnio, Job descobre ainda uma outra dimensão de Deus que não conhecia, por isso, declara: “Antes eu te conhecia só por ouvir falar, mas agora eu te vejo com os meus próprios olhos” (Jó 42:5), declaração que confirma o que o profeta Isaías vaticinou:

O Senhor Deus diz: “Os meus pensamentos não são como os seus pensamentos, e eu não ajo como vocês. Assim como o céu está muito acima da terra, assim os meus pensamentos e as minhas ações estão muito acima dos seus. (Isaías 55:8-9)

Segundo Brink (2007), “quando entramos em contacto com a realidade de Deus, torna-se claro que Deus é sempre superior ao que conhecemos dEle” (p.12). Para provar a Elifaz de Temã e aos outros amigos de Job que Job estava certo e eles não, porque tudo o que falaram a respeito de Job e de Deus não era verdade, Deus exigiu que se arrependessem diante de Job, oferecendo sacrifícios de arrependimento recomendados e que Job orasse por eles.

E o Senhor virou o cativo de Jó quando orava pelos seus amigos; e o Senhor acrescentou, em dobro, a tudo quanto Jó antes possuía. Então vieram a ele todos os seus irmãos, e todas as suas irmãs, e todos quantos dantes o conheceram, e comeram com ele pão em sua casa, e se condoeram dele, e o consolaram acerca de todo o mal que o Senhor lhe havia enviado; e cada um deles lhe deu uma peça de dinheiro, e um pendente de ouro. E assim abençoou o Senhor o último estado de Jó, mais do que o primeiro; pois teve catorze mil ovelhas, e seis mil camelos, e mil juntas de bois, e mil jumentas. Também teve sete filhos e três filhas. E chamou o nome da primeira Jemima, e o nome da segunda Quezia, e o nome da terceira Quéren-Hapuque. E em toda a terra não se acharam mulheres tão formosas como as filhas de Jó; e o seu pai lhes deu herança entre os seus irmãos. (Jó 42:10-15)

Deus devolveu em dobro tudo o que Satanás tinha tirado a Job para que não houvesse dúvida de que Ele era o autor da situação em que Job se encontrava, portanto, não era devido ao pecado de Job, como consideravam os seus amigos.

A leitura do livro de Job, e a perspectiva de Elifaz de Temã, tem-se revelado interessante para a compreensão da relação entre Deus e os Homens. É Deus quem tem o domínio de todas as coisas e não o homem, e a sua compreensão requer uma revelação especial.

Em relação à pergunta segundo a qual o infortúnio resulta sempre do castigo divino, o livro de Job leva-nos a pensar antes de responder afirmativamente. Pois, no caso de Job, Deus decide o que quer para desafiar Satanás e para demonstrar que ainda há pessoas na Terra que o adoram independentemente de ter ou não bens materiais. Por outro lado, nem sempre o que os homens pensam de Deus é o que Deus realmente é. Um exemplo disso é o posicionamento de Elifaz e dos seus amigos em relação à tese da retribuição individual ou coletiva do mal. Qualquer um de nós, sem ler o prólogo do livro de Job, pensaria como Elifaz de Temã e todos os outros amigos de Job.

Uma outra perspectiva difundida na religião cristã a propósito da leitura do livro de Job, segundo Kapitaniuk (2022) é que “é difícil compreender, cá na terra, a maioria dos sofrimentos por que passam os homens, mas que, na perspectiva de Deus, fazem todo o sentido”

A fé de Job permaneceu inabalável perante esta situação, porque não estava fundada nos bens materiais, nem tão-pouco nas circunstâncias favoráveis. A fé de Job estava verdadeiramente fundada na bondade de Deus. Desde o início até ao fim da história, ele manteve o que tinha dito à sua esposa: “se recebemos o bem de Deus, podemos também receber o mal”.

Referências bibliográficas

- Bíblia Online (2023). <https://bo.net.br/pt/nlh/jo/31/>. Acessado em: 20 de março de 2023.
- Bíblia Hábil. <https://www.bibliahabil.com.br/download.html>. Acessado em: 20 de março de 2023.
- Brandão, R. (2017). Job, Voltaire et Kant ou deux perspectives sur la souffrance et le mal. *Voltaire Philosophe. Regards croisés*. Centre International d'étude du XVIIIe siècle Ferney-Voltaire. Paris.
- Brink, E (2017). *La souffrance de Job et la justice de Dieu*. <https://www.ressourceschretiennes.com/article/souffrance-job-justice-dieu>. Acessado em: 09 de maio de 2024.
- Cambrou-Goulet, M. (2009). L'herméneutique de la souffrance dans le livre de Job: l'athlète et l'élève. *Revue de philosophie de l'Université de Montréal*. https://www.academia.edu/1771668/Lhermeneutique_de_la_souffrance_dans_le_livre_de_Job_lathlete_et_lleve. Acessado em: 20 de outubro de 2023.
- Dicionário Bíblico. *Nova Bíblia Hábil*. <https://www.bibliahabil.com.br/>. Acessado em: 20 de março de 2023.
- Fanhões, A. S. *Porque permite Deus o sofrimento e o mal?* https://www.academia.edu/33883477/Porque_permite_Deus_o_sufrimento_e_o_mal. Acessado em: 01 de fevereiro de 2023.
- Hunziker, A. (1993). *La souffrance... une école ?* Geneve, Suisse: Paroles.
- Kapitaniuk, S. (2022). *5 leçons à retirer de la souffrance de Job*. <https://stephanekapitaniuk.toutpour-sagloire.com/souffrance-de-job/>. Acessado em: 09 de maio de 2024.
- Kuen, A. (2015). *Sagesse vivante, transcription dynamique de Cantique des Cantiques, Job, Proverbes, Ecclésiaste*. Paris, France: BLF éditions.
- La Bible de Jérusalem* (1981). Paris, France: Cerf.
- Scofield C.I. (1996). *La Sainte Bible*. Genève, Suisse.
- Silveira, R. R. (2001). *Deus e o mal: uma Análise da Resposta de Plantinga ao Problema do Mal* (Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília). Repositório institucional da Universidade de Brasília. https://bdm.unb.br/bitstream/10483/2780/1/2011_RodrigoRochaSilveira.pdf. Acessado em: 09 de maio de 2024.

Resumo

A história de Job, conhecida como história de um justo infeliz, faz parte dos livros da Bíblia Sagrada, no Antigo Testamento, cujo autor é desconhecido, como muitos outros livros da Bíblia, sendo também, segundo estudiosos da Bíblia, conhecida como parte da "literatura sapiencial" e obra-prima do movimento de sabedoria. O Livro de Job e seus personagens nos leva a refletir sobre a questão da experiência humana no seu todo, partindo da concepção elevada de Deus e as considerações quanto ao homem, Satanás, justiça, redenção e ressurreição, por um lado; e nos convida, por outro, a analisar a problemática do sofrimento de um justo. Este artigo pretende interpretar os discursos de Elifaz, um dos três amigos-consoladores de Job, e a sua tomada de posição quanto ao sofrimento do seu amigo, e aos discursos de Job como direito de resposta. Pretendemos abordar a interpretação do sofrimento de Job na ótica do Elifaz, por ser a primeira pessoa a quem o narrador dá a palavra depois de Job ser entregue a Satanás, por ordem de Deus. Procuramos, nos discursos de Elifaz, analisar as questões levantadas em relação ao sofrimento de Job, questões que julgamos serem presentes até ao nosso tempo: o inocente pode ou não sofrer? Porque o justo é submetido às aflições? A experiência humana e a parte de Deus e/ou de Satanás no sofrimento humano. Para responder a essas e outras questões que poderão surgir ao longo do trabalho, teremos como textos de apoios, para além do Livro de Job, outros textos científicos e bíblicos que abordaram o tema da intervenção de Deus no sofrimento do homem, numa perspetiva exclusivamente literária.

Summary

The history of Job, known as history of unhappy upright, is part of the books of the holy Bible in Old Testament, whose writer is unknown as many other writers in the books of the Bible, being also, according to scholars of the Bible, known as part a "Sapient Literature" and a masterpiece of the wisdom movement. The book of Job and its personages lead us in thinking about the human experience in its whole, beginning with a higher conception of God and considerations about men, Satan, justice, redemption and resurrection by one hand; and invite us in another hand in analysing the problematical suffering of an upright man. This article intends to interpret the speeches of Eliphaz, one of Job console-friends, so his standing position on the suffering of his friend. The speeches of Job in Eliphaz view point as right to answer. We seek to an approach to the interpretation to the suffering in Eliphaz view point on regard to be the first personage to whom the narrator gives the word after Job been handed over to Satan by God's will. We search in Eliphaz's speeches the raised questions on Job sufferings of Job, questions we sought been present in our time: The innocent may or may not suffer? Why the upright undergoing afflictions? The human experience and God's or Satan involvement in the human sufferer. To answer these questions and others that may emerge alongside the work, we will have as support texts, beyond Job's book others scientific texts and biblical that approach God's intervention in suffering of men in a view point exclusively literary.

